

Deborah Levy

NADANDO DE  
VOLTA PARA CASA

Tradução de  
LÉA VIVEIROS DE CASTRO

Rocco

## ALPES MARÍTIMOS

### FRANÇA

JULHO DE 1994

#### UMA ESTRADA NA MONTANHA. MEIA-NOITE.

Quando Kitty Finch tirou a mão do volante e lhe disse que o amava, ele não soube mais se ela o estava ameaçando ou conversando com ele. O vestido de seda escorregava dos ombros conforme ela se inclinava sobre o volante. Um coelho atravessou a estrada e o carro deu uma guinada. Ele se ouviu dizendo:

— Por que você não prepara uma mochila e vai ver os campos de papoula no Paquistão, como disse que tinha vontade?

— Está bem — respondeu ela.

Ele sentiu cheiro de gasolina. As mãos dela mergulharam sobre o volante como as gaivotas que eles tinham contado do quarto do Hotel Negresco duas horas antes.

Ela lhe pediu que abrisse a janela para poder ouvir os insetos chamando uns aos outros na floresta. Ele baixou o vidro e pediu a ela, delicadamente, que mantivesse os olhos na estrada.

— Está bem — ela tornou a dizer, os olhos de volta na estrada. E então ela lhe disse que as noites eram sempre “suaves” na Riviera Francesa. Os dias eram árdus e cheiravam a dinheiro.

Ele pôs a cabeça para fora da janela e sentiu o ar frio da montanha queimar os seus lábios. Humanos primitivos um dia habi-

taram a floresta, que agora era uma estrada. Eles sabiam que o passado pulsava em rochas e árvores, e sabiam que o desejo os deixava desajeitados, loucos, misteriosos, confusos.

Ter tido um relacionamento tão íntimo com Kitty Finch havia sido um prazer, um sofrimento, um choque, uma experiência, mas, acima de tudo, um erro. Ele tornou a pedir a ela que, por favor, por favor, por favor o levasse de volta para casa são e salvo, para junto da esposa e da filha.

— Está bem — concordou ela. — A vida só é digna de ser vivida porque temos esperança de que vai melhorar e de que vamos chegar em casa sãos e salvos.

## SÁBADO

### VIDA SELVAGEM

A piscina no terreno da casa de veraneio parecia mais um tanque do que as lânguidas piscinas azuis dos fôlderes de turismo. Um tanque retangular, feito de pedras por uma família de escultores italianos morando em Antibes. O corpo flutuava perto da extremidade mais funda, onde uma fileira de pinheiros mantinha a água fria com sua sombra.

— É um urso? — Joe Jacobs apontou vagamente na direção da água. Ele podia sentir o calor do sol atravessando a camisa que seu alfaiate hindu havia feito para ele com um tecido de seda pura. Suas costas estavam pegando fogo. Até as estradas estavam derretendo na onda de calor de julho.

A filha dele, Nina Jacobs, de catorze anos, parada na beira da piscina com seu novo biquíni estampado de cerejas, olhou com ansiedade para a mãe. Isabel Jacobs estava abrindo o zíper do seu jeans como se estivesse prestes a mergulhar. Ao mesmo tempo, ela podia ver Mitchell e Laura, dois amigos da família que estavam dividindo a casa com eles durante o verão, largar suas canecas de chá e caminhar na direção dos degraus de pedra que iam dar na parte rasa. Laura, uma gigante magra de um metro e noventa, chutou as sandálias e entrou na água até a altura dos joelhos. Um velho colchão de ar amarelo bateu na lateral musgosa, espalhando as abelhas que agonizavam na água.

– O que você acha que é, Isabel?

De onde estava, Nina podia ver que era uma mulher nadando nua debaixo d'água. Ela estava de bruços, ambos os braços esticados como uma estrela do mar, o longo cabelo flutuando como algas de ambos os lados do corpo.

– Jozef acha que é um urso – respondeu Isabel Jacobs com sua voz indiferente de correspondente de guerra.

– Se for um urso, vamos ter que matá-lo. – Mitchell comprara recentemente duas antigas pistolas persas num brechó em Nice, e tinha em mente atirar em coisas.

Na véspera, eles todos haviam comentado uma notícia de jornal a respeito de um urso de noventa e quatro quilos que descera das montanhas em Los Angeles e dera um mergulho na piscina de um ator de Hollywood. O urso estava no cio, de acordo com o Los Angeles Animal Services. O ator havia chamado as autoridades. O urso levou um tiro de tranquilizante e em seguida foi solto nas montanhas. Joe Jacobs refletira em voz alta como seria estar sob o efeito de um tranquilizante e ter que cambalear até em casa. Será que ele chegou em casa? Será que ficou tonto e esquecido e começou a ter alucinações? Talvez o calmante dentro do dardo, também chamado de “captura química”, tivesse feito as pernas do urso tremer e falsear. Será que o calmante ajudara o urso a enfrentar os eventos estressantes da vida, acalmando sua mente agitada e fazendo com que ele agora pedisse às autoridades que lhe jogassem pequenos animais injetados com sedativos? Joe só interrompeu esta lenga-lenga quando Mitchell pisou no dedão dele. Na opinião de Mitchell, era muito, muito difícil fazer com que este poeta babaca, conhecido por seus leitores como JHJ (Joe para todo mundo exceto para sua esposa), calasse a boca.

Nina viu a mãe mergulhar na água verde-escura e nadar na direção da mulher. Salvar a vida de corpos inchados flutuando em rios era, provavelmente, o tipo de coisa que a mãe fazia o tempo todo. Aparentemente, a audiência da televisão sempre aumentava quando ela estava no noticiário. Sua mãe desapareceu no norte da Irlanda, no Líbano e no Kuwait, e depois voltou como se tivesse apenas dado uma saidinha para comprar um litro de leite. A mão de Isabel Jacobs estava prestes a agarrar o tornozelo de quem quer que estivesse boiando na piscina. Uma agitação violenta fez Nina correr para o pai, que segurou com força seu ombro queimado de sol, fazendo-a soltar um grito de dor. Quando uma cabeça emergiu da água, com a boca aberta, sorvendo o ar, por um segundo ela pensou aterrorizada que fosse ouvir o urro de um urso.

Uma mulher com cabelos compridos até a cintura saiu da piscina e correu para uma das espreguiçadeiras de plástico. Parecia ter vinte e poucos anos, mas era difícil afirmar porque ela pulava histericamente de uma cadeira para outra, procurando seu vestido. Ele havia caído no chão de pedra, mas ninguém a ajudou porque estavam todos olhando boquiabertos para seu corpo nu. Nina sentiu uma tonteira naquele calor infernal. O cheiro agridoce de lavanda entrou por suas narinas, sufocando-a, enquanto o som da respiração ofegante da mulher se misturava ao zumbido das abelhas nas flores murchas. Ocorreu-lhe que ela pudesse estar com insolação, porque parecia que ia desmaiar. Num borrão, ela viu que os seios da mulher eram surpreendentemente grandes e redondos para uma pessoa tão magra. As coxas longas se encaixavam nas articulações salientes dos quadris como as pernas das bonecas que ela costumava dobrar e torcer quando era criança. A única coisa que parecia real na mulher era o triân-

gulo de pelos dourados brilhando no sol. A visão dele fez Nina cruzar os braços no peito e curvar as costas numa tentativa de fazer o próprio corpo desaparecer.

– Seu vestido está ali — apontou Joe Jacobs para a pilha de algodão azul debaixo da espreguiçadeira. Eles a encararam por um tempo embaraçosamente longo. A mulher pegou o vestido e o enfiou rapidamente pela cabeça.

– Obrigada. Aliás, eu sou Kitty Finch.

O que ela realmente disse foi eu sou Kah Kah Kah, e gaguejou um bocado até conseguir dizer Kitty Finch. Todo mundo ficou impaciente com o tempo que levou para dizer quem era.

Nina viu que a mãe ainda estava na piscina. Quando ela subiu os degraus de pedra, seu maiô molhado estava coberto de agulhas prateadas de pinheiro.

– Eu sou Isabel. Meu marido achou que você fosse um urso.

Joe Jacobs torceu a boca num esforço para não rir.

– É claro que eu não achei que ela fosse um urso.

Os olhos de Kitty Finch eram cinzentos como os vidros pintados no carro alugado de Mitchell, uma Mercedes, estacionada em frente à casa.

– Espero que não se importem por eu estar usando a piscina. Acabei de chegar e está tããã quente. Houve uma confusão de datas no aluguel.

– Que tipo de confusão? — Laura olhou zangada para a jovem mulher, como se tivesse acabado de receber uma multa de trânsito.

– Bem, eu achei que ficaria aqui por quinze dias a partir deste sábado. Mas o caseiro...

– Se é que se pode chamar de caseiro um filho da mãe preguiçoso e drogado como o Jurgen. — A simples menção do nome de Jurgen fez Mitchell começar a suar de raiva.

— Sim. Jurgen disse que eu me enganei com as datas e que agora vou perder o meu depósito.

Jurgen era um hippie alemão que nunca falava nada certo. Descrevia a si mesmo como sendo um “naturalista” e estava sempre com o nariz enfiado em *Siddharta*, de Hermann Hesse.

Mitchell sacudiu o dedo para ela.

— Há coisas piores do que perder o seu depósito. Nós íamos sedar você e levá-la para as montanhas.

Kitty Finch levantou o pé esquerdo e arrancou lentamente um espinho da sola. Seus olhos cinzentos buscaram Nina, que ainda estava escondida atrás do pai. E então ela sorriu.

— Eu gosto do seu biquíni. — Seus dentes da frente eram tortos, engatados um no outro, e o cabelo estava secando e formando cachos cor de cobre. — Como é o seu nome?

— Nina.

— Você acha que eu me pareço com um urso, Nina? — Ela fechou a mão esquerda como se fosse uma pata e a levantou na direção do céu azul sem nuvens. Suas unhas estavam pintadas de verde-escuro.

Nina sacudiu a cabeça e, então, engoliu a saliva do jeito errado e começou a tossir. Todo mundo se sentou. Mitchell na feia cadeira azul porque era o mais gordo e a cadeira, a maior de todas; Laura na cadeira de vime cor-de-rosa; Isabel e Joe nas duas espreguiçadeiras de plástico. Nina se empoleirou na ponta da cadeira do pai e brincou com os cinco anéis de prata de dedo de pé que Jurgen lhe dera naquela manhã. Todos eles tinham um lugar à sombra, exceto Kitty Finch, que estava agachada nas pedras quentes do chão.

— Você não tem onde sentar. Vou buscar uma cadeira para você. — Isabel torce as pontas do seu cabelo preto molhado. Go-



tas d'água brilham em seus ombros e depois escorrem como uma cobra pelo braço.

Kitty sacudiu a cabeça e enrubesceu.

— Ah, não se incomode. Pah pah por favor. Eu só estou esperando Jurgen voltar com o nome de um hotel para mim e então vou embora.

— É claro que você precisa sentar.

Laura, intrigada e inquieta, viu Isabel arrastar uma pesada cadeira de madeira cheia de poeira e teias de aranha na direção da piscina. Havia coisas no caminho. Um balde vermelho. Um vaso de planta quebrado. Dois guarda-sóis de lona presos em blocos de concreto. Ninguém a ajudou porque não sabia ao certo o que ela estava fazendo. Isabel, que havia prendido o cabelo molhado com um pregador no formato de um lírio, estava colocando a cadeira de madeira entre sua espreguiçadeira e a do marido.

Kitty Finch olhou nervosamente para Isabel e depois para Joe, como se não conseguisse saber se estavam lhe oferecendo uma cadeira ou obrigando-a a se sentar nela. Ela limpou as teias de aranha com a saia do vestido por um tempo longo demais e finalmente se sentou. Laura cruzou as mãos no colo como se estivesse se preparando para entrevistar um candidato a emprego.

— Você já esteve aqui antes?

— Sim, eu venho aqui há anos.

— Você trabalha? — Mitchell cuspiu o caroço de uma azeitona numa tigela.

— Eu meio que trabalho. Sou botânica.

Joe esfregou o pequeno corte de gilete em seu queixo e sorriu para ela.

— Existem belas palavras esquisitas na sua profissão.

A voz dele foi surpreendentemente gentil, como se tivesse intuito que Kitty Finch estava ofendida com o modo com que Laura e Mitchell a interrogavam.

— É. Joe gosta de palavras es-qui-si-tas porque é um poeta. — Mitchell disse “esquisitas” como se estivesse imitando um aristocrata abobalhado.

Joe se inclinou para trás na cadeira e fechou os olhos.

— Ignore-o, Kitty. — Ele falou como se tivesse sido extremamente ofendido. — Tudo é es-qui-si-to para Mitchell. O estranho é que isso o faz sentir-se superior.

Mitchell enfiou cinco azeitonas na boca, uma atrás da outra, e depois cuspiu os caroços na direção de Joe como se fossem pequenas balas de um de seus revólveres mais insignificantes.

— Então, enquanto isso — Joe se inclinou para a frente —, talvez você pudesse nos dizer o que sabe sobre cotilédones?

— Certo. — Kitty piscou o olho direito para Nina quando disse “certo”. — Cotilédones são as primeiras folhas numa plantinha. — Sua gagueira parecia ter desaparecido.

— Correto. E agora a minha palavra favorita... Como você descreveria uma folha?

— Kitty — disse Laura severamente —, existem dezenas de hotéis, então é melhor você ir procurar um.

Quando Jurgen finalmente entrou pelo portão, os cachos grisalhos amarrados num rabo de cavalo, ele disse que todos os hotéis da cidade estavam cheios até quinta-feira. — Então você tem que ficar até quinta-feira. — Isabel disse isso vagamente, como se não acreditasse realmente no que estava dizendo. — Acho que tem um quarto sobrando nos fundos da casa.

Kitty franziu a testa e se recostou na cadeira.

— Bem, sim. Obrigada. Todos concordam? Por favor, se isso os incomodar, digam.

•

Pareceu a Nina que ela estava pedindo que eles se incomodassem. Kitty Finch estava enrubescendo e encolhendo os dedos dos pés ao mesmo tempo. Nina sentiu o próprio coração disparar. Ele ficara histérico, martelando no peito. Ela olhou para Laura e viu que ela torcia as mãos. Laura estava prestes a dizer que se incomodava. Ela e Mitchell tinham fechado sua loja em Euston por todo o verão, sabendo que as vitrines que haviam sido quebradas por ladrões e viciados em drogas pelo menos três vezes naquele ano iam ser quebradas de novo quando as férias deles acabassem. Eles tinham ido para os Alpes Marítimos para fugir da futilidade de consertar vidraças quebradas. Ela se viu lutando para achar as palavras. A jovem era uma janela esperando ser arrombada. Uma janela que ela supunha que já estivesse um pouco quebrada. Ela não podia ter certeza disto, mas tinha a impressão de que Joe Jacobs já enfiara o pé na abertura e sua esposa o ajudara. Ela pigarreou e estava prestes a falar, mas o que lhe passava pela mente era tão indizível que o administrador hippie falou antes.

— Então, Kitty Ket, quer que eu leve as malas para o seu quarto?

Todo mundo olhou para onde Jurgen estava apontando com o dedo manchado de nicotina. Duas sacolas de lona azul estavam no chão à direita das portas francesas da casa.

— Obrigada, Jurgen. — Kitty despachou-o como se ele fosse seu criado pessoal.

Ele se inclinou e pegou as malas.

— Que ervas são estas? — Ele ergueu um emaranhado de plantas que havia sido enfiado na segunda sacola azul.

— Ah. Encontrei isso no cemitério ao lado do café do Claude. Jurgen pareceu impressionado.

— Você vai ter que chamar isto de planta Kitty Ket. Trata-se de um fato histórico. Caçadores de plantas costumam chamar as plantas que encontram com seus próprios nomes.

— É. — Ela fitou os olhos escuros de Joe Jacobs como que para dizer “o nome especial de Jurgen para mim é Kitty Ket”.

Isabel foi até a beira da piscina e mergulhou. Enquanto nadava debaixo d’água, os braços esticados na frente da cabeça, ela viu seu relógio caído no fundo da piscina. Ela desceu e o tirou dos ladrilhos verdes. Quando voltou à superfície, viu a inglesa idosa que morava na casa ao lado acenando da varanda. Ela acenou de volta e então percebeu que Madeleine Sheridan estava acenando para Mitchell, que estava chamando o nome dela.